



## IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### Portugal, território de territórios

---

---

ÁREA TEMÁTICA: Dinâmicas Populacionais, Gerações e Envelhecimento [AT]

---

---

#### **A VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS IDOSAS: PERCEÇÕES E PERSPETIVAS DE PESSOAS IDOSAS INSERIDAS EM CONTEXTO INSTITUCIONAL E FAMILIAR**

---

---

CICHOWSKY, Seraphina

Mestre em Sociologia, ISCTE-IUL

---

MAURITTI, Rosário

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES), Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL); [rosario.mauritti@iscte.pt](mailto:rosario.mauritti@iscte.pt)

---

DE SÃO JOSÉ, José

Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações (CIEO), Faculdade de Economia da Universidade do Algarve (FEUALG), [jsjose@ualg.pt](mailto:jsjose@ualg.pt)

---



### Resumo

Esta pesquisa incide sobre o tema da violência perpetrada contra pessoas idosas, em meio familiar e em meio institucional. Procurou-se, através de uma abordagem qualitativa, captar as percepções individuais de idosos sobre a violência dirigida à sua faixa etária. Para tal analisou-se o discurso de vinte entrevistados (65+ anos), de ambos os gêneros, inseridos em contextos residenciais diferentes. A análise procura depreender como é que a violência é percebida pelos idosos, olhando-se para as ações consideradas violentas, para os factores de risco que potenciam tais ações e para as estratégias pós-abuso. Adicionalmente foi feito o esforço para entender se as percepções correspondem às conceptualizações divulgadas pela literatura científica. Partiu-se da ideia de que as percepções dos idosos possam ser variáveis, tendo em conta as especificidades sócio-culturais que os caracterizam. A pobreza e exclusão social poderão ser encarados como um catalizador da violência contra o idoso. Os dois grupos de idosos são grupos bastante diferentes e ao longo da pesquisa essas diferenças tornaram-se ainda mais visíveis, tendo-se em conta as percepções sobre violência por eles veiculadas, que nos remetem para questões sociais que moldaram a vivência destes indivíduos. O nível de escolarização, a profissão que desempenharam e o lugar onde viveram (rural/urbano) e no culminar o seu contexto residencial na altura da realização deste estudo, são factores que moldaram as suas noções, o que é evidente quando são analisados os relatos de uns e de outros (idosos).

### Abstract

This research focuses on the theme of violence against older people in the family environment and institutional environment. We aimed, through a qualitative approach, to capture the individual perceptions of the elderly about violence directed at their age group. For this we analyzed the speech of twenty respondents (65+ years), of both genders, inserted in different residential settings. The analysis seeks to infer how the violence is perceived by the elderly, analyzing the actions considered violent, the risk factors that foster such actions and post-abuse strategies. In addition, the effort was made to understand if the perceptions correspond to conceptualizations disclosed by the scientific literature. The study was based on the idea that the perceptions of the elderly can be variable, taking into account the socio-cultural specificities that characterize them. The two elderly groups were quite different, and during the study these differences became even more visible, taking into account the perceptions of violence they conveyed, leading us to social issues that shaped the experience of these individuals. Their level of education, the profession they had, where they lived (rural/urban) and their residential context at the time of this study, are factors that have shaped their notions, which became evident after their reports had been analyzed.

Palavras-chave: Envelhecimento; violência; percepções intersubjetivas; autonomia/institucionalização

Keywords: Aging; violence; intersubjective perceptions; autonomy / institutionalization

COM0130



O presente *paper* procura dar a conhecer ao leitor alguns dos principais resultados e conclusões de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado em Sociologia do ISCTE-IUL, no ano lectivo 2014/15, sob orientação de Rosário Mauritti e José de São José (FEUALG). A dissertação com o título *Perceções acerca da violência contra pessoas idosas: A perspectiva do idoso*, consistiu num esforço de captar e compreender as perceções de idosos tanto institucionalizados (residentes em lares de acolhimento) como não-institucionalizados (residentes em habitações próprias) sobre a violência que é dirigida à sua faixa etária em particular. Pretendeu-se não só captar as perceções dos idosos (65+ anos) como também averiguar se essas perceções estão, ou não, refletidas na literatura científica e formal sobre esta temática. Isto é, será que a informação avançada no âmbito desta temática espelha as opiniões, medos e frustrações da faixa etária em questão?

É de entendimento geral que o termo da idade ativa traz consigo uma maior fragilidade económica, tal como uma acrescida dependência familiar e social o que pode levar a experiências, mais ou menos referenciadas na prática, de insegurança, exclusão, e de maior vulnerabilidade por parte do idoso (Dias, 2010). Nos últimos anos as condutas de abuso contra o idoso têm evidenciado uma tendência crescente, fortemente relacionada com o aumento da idade média de vida (Dias, 2005), colocando muitos sujeitos numa situação complicada, que combina vulnerabilidade com uma crescente dependência tanto a nível físico como social. Atualmente pode-se dizer que a violência psicológica e financeira são dos principais tipos de abusos que afetam o idoso (tal como o abuso físico e emocional), que as vítimas são sobretudo mulheres e os perpetradores são por norma os cônjuges e os filhos (Gil e Santos, 2012) (dados de 2008 da APAV cit. em Marques, 2011).

O trabalho que aqui se apresenta, parte do princípio de que alterações na maneira como a faixa etária em referência é vista e tratada são possíveis (Dias, 2005:254; Marques, 2011a). Tal tendo em conta quer a condição maleável do estatuto social do idoso, vinculado ao contexto social vigente, quer o correlato da velhice como “uma construção social inscrita numa dada conjuntura histórica”. Neste sentido, entende-se que o conhecimento das perceções dos idosos poderá contribuir para a desconstrução de noções estereotipadas acerca da violência e do envelhecimento, e fomentar a criação de medidas de prevenção e acompanhamento mais específicas e melhor fundamentadas, dirigidas a esta faixa de idades.

O objetivo principal deste estudo foi então o de apreender o sentido que os idosos atribuem à violência dirigida à sua faixa etária. Abordou-se esta questão a partir de três dimensões nucleares: as ações que os idosos consideram violentas; os factores de risco que podem potenciar tais ações e as estratégias pós-abuso que podem ser mobilizados para atenuar as consequências de uma situação violenta. Como realçado previamente, também se procurou depreender em que medida as perceções dos idosos correspondem a definições e conceptualizações divulgadas pela literatura científica. A pergunta de partida desta pesquisa foi “De que forma é que as pessoas idosas percebem a violência praticada contra pessoas da sua faixa etária?”.

Partiu-se da noção de que a categoria de idoso engloba uma variedade de idades e retratos sociais (Mauritti, 2004). Esta é, nesta medida, uma categoria heterogénea, que não pode ser inserida no mesmo molde de vulnerabilidade e dependência (Dias, 2005; Marques, 2011). Neste sentido, crê-se que as perceções dos idosos acerca da violência dirigida à sua faixa etária são influenciadas por vários factores, dos quais se decidiu ter em consideração quatro, nomeadamente a idade, o género, o perfil qualificacional e o contexto de residência. Seguiu-se uma abordagem qualitativa, procurando-se captar as perceções subjetivas de idosos com características sócio-demográficas diferentes. Para tal optou-se por fazer uso de um guião de entrevista semi-estruturado que deu a possibilidade aos entrevistados de desenvolverem os seus pontos de vista dentro de um parâmetro previamente estabelecido, dando voz às suas interpretações subjetivas. Posteriormente analisou-se a informação obtida através das entrevistas com o auxílio da análise temática de conteúdo ou framework, que nos possibilitou chegar a uma série de categorias e classes que enformam as perceções dos idosos acerca da violência dirigida especificamente à sua faixa etária.

No que diz respeito à caracterização da amostra é de referir que a população alvo deste estudo foi a população idosa (65+ anos), nomeadamente vinte indivíduos, com uma idade média de 77,1 anos, de ambos os géneros, com características sociais heterogéneas. Por fim contou-se com dois grupos distintos. Primeiramente, seis idosos não-institucionalizados abordados através da UATI (Universidade do Algarve de terceira idade) em Faro, três homens e três mulheres, com uma idade média de 69,5 anos e uma escolarização de entre cinco anos de escolaridade e Ensino superior, cujas últimas profissões eram maioritariamente ligadas a atividades de prestação de serviços, técnicos e de enquadramento intermédio. Estes idosos eram caracterizados por uma autonomia e capacidade de decisão acrescida relativamente ao segundo segmento, constituído por idosos institucionalizados em dois lares da Stª casa da misericórdia de Faro. Este segundo segmento contou com quatorze idosos, dois dos quais homens e doze mulheres, com uma idade média de 80,4 anos e uma escolarização nula ou rudimentar, envolvendo entre zero a quatro anos de frequência no sistema escolar. As últimas profissões desempenhadas por estes idosos envolveram sobretudo atividades não qualificadas ligadas à agricultura e aos serviços. Actualmente contam com uma autonomia e capacidade de decisão limitada, derivada não só de limitações de saúde e mobilidade como também do facto de habitarem em instituições de acolhimento. Uma vez que o estudo em questão é de natureza qualitativa, as técnicas de amostragem utilizadas foram de cariz não probabilístico. Foram aplicadas técnicas de amostragem por conveniência (seleção de unidades de observação em função da facilidade de acesso), articuladas com amostragem pensada ou intencional.

Na conceção da pesquisa desde o primeiro momento que se teve como referente a noção de que os actos violentos poderiam remeter muito para além de agressões físicas. Tal acabou por se confirmar, não só analisando a definição científica do conceito violência contra idosos que aqui se mobilizou, como também nas perceções e perspetivas avançadas pelos idosos. A definição criada pela Organização Mundial de Saúde e usada para este estudo é a seguinte: Violência (abuso) contra o idoso é definido como: “Qualquer ato isolado ou repetido, ou a ausência de ação apropriada, que ocorre em qualquer relacionamento em que haja uma expectativa de confiança, e que cause dano, ou incómodo a uma pessoa idosa. Estes atos podem ser de vários tipos: físico, psicológico/emocional, sexual, financeiro ou, simplesmente, refletir atos de negligência intencional, ou por omissão” (WHO, 2002d:3, in Gil e Santos, 2012:5; Vilarinhos, 2010:12; Fonseca *et al.*, 2012:151).

Como referido anteriormente, fez-se o esforço de captar as perceções dos idosos a partir de três grupos de questões diferentes. Em primeiro lugar, procurou-se entender quais as experiências que os idosos interpretam como violentas (atos e ações considerados violentos), isto é, as suas conceções de violência. Este primeiro eixo analítico permitiu confirmar que as perceções dos sujeitos relativamente à violência vão muito para além das agressões físicas. Também as ofensas verbais e as faltas de respeito, bem como o negligenciar foram interpretadas como sendo actos com conotações violentas. Os actos e ações considerados violentos pelos entrevistados foram os seguintes: Cuidar friamente do idoso; Furtar; Quebrar/não estabelecer laços sociais; Negligenciar; Violência física; Violência sexual; Violência verbal; Violência psicológica; Violência societal. É de referir que existiu uma clara diferença entre as interpretações dos idosos institucionalizados e os idosos não institucionalizados. Os primeiros revelaram uma visão mais ampla sobre o tema, conseguindo-se distanciar de representações normalmente consideradas como violentas (como o bater), ao mesmo tempo que aludiram a comportamentos considerados violentos que, muitas vezes, passam despercebidos (tipos de violência aqui denominados por violência societal).

Relativamente ao segundo eixo de questionamento analítico, relativo aos fatores de risco que podem potenciar situações violentas foram avançados, por exemplo, o Stress dos agressores; Dificuldades/interesses económico-financeiros; Comportamentos aditivos; Falta de valores nos jovens/Inexistência de futuro; Traços de personalidade negativos; Cuidadores com formação deficiente; Infidelidade; Conflitos familiares; Postura de superioridade; Descompensação mental/psíquica; Frustração sexual. Estas classificações permitem concluir que para os idosos existe uma panóplia de factores que podem levar a atos violentos, tanto derivados

de situações de stresse e sobrecarga pessoal e/ou profissional, como também factores económico-financeiros e sócio-políticos. Mais uma vez, as percepções dos idosos institucionalizados estão marcados por uma relativa dificuldade em se distanciarem dos problemas pessoais do agressor, dificultando uma visão mais geral sobre o assunto. Em diversas narrativas os comportamentos pessoais do agressor são interpretados como derivando de pressões sociais, e não apenas justificados com descompensações psicológicas. Quando olhâmos para estes factores considerados de risco pelos idosos é de referir também que é feita alusão a factores que podem ser de risco para os idosos institucionalizados, mas não para os não-institucionalizados, e vice-versa.

Em relação aos lugares que podem propiciar comportamento violento pode-se dizer que, de uma forma geral, quase todos os sítios foram considerados como potencialmente perigosos pelos entrevistados: Qualquer local; Em casa; Instituições/lares para idosos; A rua; Zonas rurais; Cidade; Quando o idoso está sozinho. É evidente que tanto o idoso institucionalizado como o não-institucionalizado não se sente seguro de uma forma geral, nem em locais como a sua própria casa ou os lares de acolhimento. É curioso referir que neste contexto de apreciações dois dos entrevistados masculinos não-institucionalizados compararam o crime de violência contra o idoso a práticas de pedofilia. Segundo as percepções destes entrevistados, nas duas situações, os crimes acontecem muitas vezes em casa, num aparente ambiente de confiança e segurança. Também é de referir que os lares de acolhimento, enquanto lugares propensos a maior violência, foram nomeados exclusivamente por entrevistados não-institucionalizados, o que demonstra que as percepções nem sempre são formadas em função de experiências na primeira pessoa.

Num terceiro eixo analítico, quando questionados sobre as estratégias pós-abuso, isto é, o que poderia ser feito para prevenir ou atenuar as consequências da violência contra o idoso, os entrevistados fizeram alusão a vários factores que foram aqui divididos em três níveis de ação, o macrosociológico, o mesosociológico e o interindividual. Tendo em conta o primeiro nível, os idosos atribuem alguma da responsabilidade ao governo, referindo que está nas mãos do Estado alterar esta situação e construir melhores perspectivas e ajudas a nível social, apelando a alterações de valores societários. Por sua vez o nível meso faz referência a alterações nas instituições (melhor formação dos profissionais e auxiliares dos lares; melhores salários; mais motivação), a uma maior atuação policial, bem como um melhor acompanhamento do idoso de uma forma generalizada, incluindo melhorias na divulgação de informação pertinente para a população em referência. O nível interindividual realça a responsabilidade dos indivíduos em se protegerem a si mesmos, e evitarem situações de conflito e consequentes situações violentas. Vários idosos maioritariamente institucionalizados tinham a noção de que não havia nada a fazer, o que demonstra não só uma aparente postura de apatia/derrota como um total desconhecimento dos seus direitos como cidadãos.

Perante a questão se os idosos poderiam contar com algum tipo de apoio ou ajuda em situações de risco, foi notável um relativo desconhecimento por parte dos institucionalizados relativamente a apoios/ajudas especificamente dirigidas ao idoso ou ao apoio à vítima (como por exemplo associações como a APAV) e mesmo os que tinham conhecimento destes mecanismos (maioritariamente idosos não-institucionalizados) não estavam convencidos de que teriam algum valor prático ou que poderiam realmente contribuir para melhorar as situações de idosos afectados pela violência.

Foi também questionado se alguns idosos não pedem ajuda em situações de risco e porque razão não o fazem. Tendo em conta as respostas dadas foram criados dois grupos de causas que impedem o idoso de pedir ajuda. Em primeiro lugar temos as causas intrínsecas ao sujeito, como o medo, a vergonha, a incapacidade (física ou mental) e o desconhecimento da existência de apoios adequados. Um segundo plano assinala causas contextuais (geográficas e relacionais), como o não agir por incapacidade derivado do isolamento geográfico (idosos que residem em contextos geográficos isolados com acesso reduzido ou inexistente a informação/apoio), o não agir devido à incapacidade de resposta por parte das estruturas de apoio à vítima e finalmente o não agir por proteção/dependência em relação ao agressor.

Observa-se, claramente, que o desconhecimento de apoios específicos e o isolamento social e/ou geográfico, derivado do local onde o idoso habita ou das relações sociais e de afecto que mantém, influenciam a maneira

como aquele age numa situação de risco e como percebe a mesma. Grande parte dos idosos não tem conhecimento de apoios específicos e/ou acesso a informação relativamente à violência dirigida contra a sua faixa etária, o que se pôde constatar no decorrer destas entrevistas. A televisão foi apontada como sendo um dos principais mecanismos de divulgação de informação a que têm ou podem ter acesso, no entanto foi também referido que alguns idosos, embora tenham acesso à informação, não têm capacidades cognitivas para processar a mesma e integrá-la de forma prática nas rotinas do seu quotidiano. Como tal, o acesso à informação não significa automaticamente que esta seja igualmente interpretada e mobilizada por todos os idosos, que são de uma forma ou outra um grupo heterogéneo que engloba uma série de idades, capacidades em termos de autonomia/dependência e de recursos mobilizáveis, bem como de perspetivas e orientações de participação/atuação.

É de referir que foi possível captar uma multiplicidade de conceções sobre os atos que constituem violência contra as pessoas com 65 e mais anos, indo muito para além da violência física. Porém, a violência verbal e o furto são marcadas por um relativo consenso em termos de perceção do perigo que implicam junto dos dois grupos de entrevistados. Por outro lado categorias que remetem para as conceções de violência psicológica e societal foram invocadas sobretudo por idosos não institucionalizados (factor associado a condições de autonomia e reflexividade acrescida). Constatou-se que as perceções dos idosos são fortemente influenciadas pelas características como a escolaridade e o seu grau de autonomia – altamente relacionados com o factor da institucionalização. Percebeu-se que existe uma forte relação entre acesso a informação relativa a este tema e o grau de escolarização combinado com o isolamento que alguns idosos experienciam (derivado do local onde habitam ou das relações que mantêm).

#### Notas conclusivas: propostas em aberto

No culminar da presente pesquisa perspetiva-se um quarto eixo analítico, materializado nos resultados produzidos, que remete para a construção de propostas de intervenção neste domínio. Nesta medida, afigura-se como importante:

- potenciar a difusão de ideias mais concretas e permitir a desconstrução de noções estereotipadas acerca da violência e do envelhecimento, de forma a dar lugar à criação de medidas de prevenção e acompanhamento mais específicas e melhor fundamentadas.
- desenvolver estratégias adequadas nesta faixa etária e sobretudo ao perfil de literacia muito baixo, que combatam a falta de conhecimentos e que procurem transmitir informação recorrendo a vias menos convencionais, mas mais eficientes (como a transmissão de informação presencial, cara-a-cara ou personalizada, atendendo às necessidades dos idosos em questão).

Alguns dos entrevistados não institucionalizados avançaram propostas valiosas como resposta a estes desafios, tais como: a distribuição (e ajuda na interpretação, se necessário) de panfletos informativos pelas residências de idosos porventura mais carenciados e a criação de gabinetes de apoio para o acolhimento ou encaminhamento a nível de questões sociais e ou individuais, como por exemplo a violência. Também o Programa Apoio 65 – Idoso em Segurança, desenvolvido e levado a cabo pela Guarda Nacional Republicana, foi mencionado por três entrevistadas institucionalizadas como sendo uma mais-valia para aqueles idosos que vivem mais isolados (principalmente em meio rural) e que carecem de um acompanhamento pontual e de um contacto mais individualizado.

No plano propriamente analítico, afigura-se como relevante procurar aprofundar o presente estudo junto de uma amostra da população idosa não-institucionalizada residente em meio rural, uma vez que todos os idosos utentes da Universidade do Algarve para a Terceira Idade residiam na zona Urbana de Faro ou nas proximidades. Dessa forma seria possível perceber se a opinião destes idosos, que se presumem mais isolados e menos informados, também tendo em conta a sua incidência em perfis de literacia muito rudimentares, estão em conformidade com as perceções que foram captadas através deste estudo, ou se estes têm uma perceção da realidade em que vivem diferente das que foram apuradas aquando desta pesquisa. O



que também ajudaria a perceber se na prática o lugar e contexto de residência tem ou não influencia significativa nas percepções dos idosos.

## **Referências**

Dias, Isabel (2005) Envelhecimento e violência contra os idosos, *Sociologia*, 15, pp. 249-273.

Dias, Isabel (2010) Violência doméstica e justiça: respostas e desafios, *Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX, pp. 245-262.

Fonseca, Rita, Inês Gomes, Paula Lobato Faria e Ana Paula Gil (2012) Perspetivas atuais sobre a proteção jurídica da pessoa idosa vítima de violência familiar: contributo para uma investigação em saúde pública, *Revista portuguesa de saúde pública*, 30 (2):pp.149 – 162.

Gil, Ana Paula e Ana João Santos (2012) “(In) visibilidades e paradoxos na violência contra as pessoas idosa”, In *VII Congresso Português de Sociologia*.

Marques, Síbila (2011) *Discriminação na terceira idade*, Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Mauritti, Rosário (2004) Padrões de vida na velhice. *Análise Social XXXIX* (171): 339-361.

Vilarinho, Liliana Isabel Mendes (2010) *Avaliação de Preditores de Abuso Financeiro na População Idosa*, Dissertação de Mestrado em Medicina Legal, Universidade do Porto.